



STÄDTISCHE MUSEEN FREIBURG



Hendrik Whitbooi (ao centro), um dos líderes da revolta de 1903 dos povos Nama contra os colonizadores alemães, motivada por questões de acesso à terra na Namíbia

## Namíbia, 1904: a semente do holocausto

José Rivair Macedo\*

Há uma frase proverbial da África do Oeste que diz: “A árvore gigante nasce de um grão”. Costuma ser evocada para exprimir a ideia de que um futuro grandioso está anunciado em sua origem, em outras palavras, que o futuro se liga umbilicalmente ao passado. Diríamos que tal assertiva mostra-se verdadeira também para a explicação das grandes catástrofes, como a que ocorreu no Sudoeste da África, na primeira década do século XX, e na Europa sob o domínio nazista, algumas décadas depois, mundialmente conhecida por Holocausto.

Como se sabe, a participação da Alemanha na partilha e colonização da África foi limitada e efêmera. As pretensões expansionistas do Estado então recém-unificado levaram a que as negociações entre as metrópoles europeias transcorressem em Berlim durante os anos 1884-1885, e que, na “cartografia imperial” ali delineada, tanto a Bélgica do rei Leopoldo II (1835-1909) quanto a Alemanha de Otto Von Bismarck (1862-1890) amealhassem partes do continente africano – embora os principais beneficiados na partilha continuassem a ser a Inglaterra e a França. Além dos territórios das atuais repúblicas do Togo e dos Camarões, coube aos germânicos o direito, à revelia dos africanos, de exercer o protetorado em áreas da África Oriental (Zanzibar, Burundi e Ruanda) e no extenso litoral atlântico, situado a sudoeste do continente, onde se encontra a República da Namíbia, que entre 1884-1915 recebeu na Europa a denominação de *Deutsch Sud-West Afrika* (África Alemã do Sudoeste).

Os alemães mantiveram temporariamente relações com as populações locais, que eram de variada procedência e pertencimento étnico, vinculadas em geral ao extenso grupo linguístico de matriz banto: Khoisans (bosquímanos), Ovambos, Okavango, Kaokovelders, Damaras, Hereros e Namas, entre outros. Tais relações não foram tranquilas, pois a interferência estrangeira afetou o seu estilo de vida tradicional, e alguns grupos reagiram militarmente. Foi o que aconteceu em 1903, quando, devido a questões relacionadas ao acesso à terra, eclodiu uma revolta entre os povos Namas, conduzidos por Hendrick Whitbooi (1830-1905), que logo se espalhou entre os Hereros sob a liderança de

Samuel Maherero (1856-1923). Centenas de fazendeiros alemães foram mortos e algumas comunidades povoadas pelos colonizadores, entre as quais Okahandja, acabaram cercadas e atacadas.

Com a multiplicação de ataques e a execução de agentes do colonialismo, medidas foram tomadas pelo *kaiser* Guilherme II (1859-1941) para pôr cobro aos levantes. Seu governo designou um representante do alto comando militar para organizar a repressão: um líder cuja frieza e crueldade dariam outra dimensão ao conflito. Muito melhor aparelhadas que os “nativos”, as tropas do comandante Adrien Dietrich Lothar Von Trotha (1848-1920) derrotaram os Hereros em 11 de agosto de 1904 na batalha de Hamakari, em Waterberg, após incessantes bombardeios lançados sobre os revoltosos.

O processo de ocupação e conquista político-militar e as reações daí decorrentes não constituíram eventos particulares da Namíbia, mas vincularam-se em toda parte à marcha de instalação do sistema colonial europeu na África. Em outras áreas de ocupação estrangeira, repetiram-se conflitos mais ou menos sangrentos, sob o comando de lideranças que, no período das independências africanas, décadas mais tarde, seriam alçadas à posição de heróis nacionais – como Samori Touré (1830-1900), na Guiné Francesa, Lat Dior (1842-1886), no Senegal, e Menelik II (1844-1913), na Etiópia.

O desfecho do conflito no Sudoeste africano impressionou, todavia, pelo grau de violência dos vencedores e pelas mostras evidentes de desprezo pelos vencidos. Lothar Von Trotha não fez qualquer esforço para ocultar suas reais intenções, tornando-as públicas na imprensa, chegando mesmo a assinar uma carta aberta endereçada aos Hereros, à qual mandou dar ampla divulgação, em que a guerra sem quartel e o extermínio são anunciados. O documento original encontra-se preservado no Arquivo Nacional da Namíbia, e nele se pode ler o que segue:

*Eu, o grande general dos soldados alemães, envio esta carta aos Herero. Os Hereros não são mais súditos da Alemanha... A nação Herero deve deixar o país. Caso se recusem, eu os forcerei a isso com o canhão. Qualquer herero encontrado*

*dentro das fronteiras alemãs, com ou sem armas ou gado, será executado. Não aceitarei mais nem mesmo mulheres nem crianças. São estas minhas palavras ao povo Herero.*

Tais palavras estavam em conformidade com os atos. Perseguidos e encurralados no grande deserto de Ohmeke (Kalahari), isolados, os Hereros foram levados à inanição, mortos ao consumir água envenenada nos poços ou abatidos quando tentavam furar o cerco que lhes foi imposto. Segundo estimativas, em todo o período da ocupação alemã, entre 75% e 85% da população herero, calculada entre 60 e 80 mil pessoas, foi exterminada, o mesmo tendo ocorrido com os cerca de 10 mil indivíduos de ambos os sexos pertencentes ao grupo Nama. Em torno de 2 mil sobreviventes, inclusive Samuel Maherero, encontraram refúgio em territórios de Botswana.

Após o que ficou conhecido como “Massacre de Ohmeke”, que pode ser considerado o primeiro genocídio do século XX, a sorte das populações remanescentes não melhorou. Elas foram mantidas sob uma constante vigilância, com limitada capacidade de circulação em territórios administrados pelos alemães. Mulheres, velhos e crianças acabaram os dias em campos de trabalho forçado, denominados “campos de concentração” (*konzentrationslager*) nas cidades de Karibib, Swakopmund, Okahandja, Windhoek e na ilha de Shark, nas proximidades de Luderitz. Avalia-se que 14 mil pessoas tenham sido mantidas nessa condição, aí encontrando a morte. É por isso que, desde 2001, lideranças namibianas reivindicam em tribunais internacionais um pedido de desculpas formal da Alemanha e a reparação pelo genocídio.

De fato, segregação e extermínio marcaram as atitudes dos conquistadores, que eram orientados por um sentimento de superioridade racial. Vistos como “selvagens”, “naturalmente inferiores”, os “nativos” foram expostos a diversas formas de discriminação: cadáveres de Hereros e Namas foram empregados como evidências de análise em estudos de craniometria e eugenia. Só muito recentemente, alguns órgãos da Universidade de Medicina de Berlim e de Freiburg tomaram a iniciativa de devolver crânios,

esqueletos e outros despojos humanos ali mantidos para estudo.

A Namíbia tornou-se espaço privilegiado para as pesquisas de campo de cientistas adeptos das doutrinas científicas que pressupunham a superioridade branca, interessados em estudar os meios para a preservação da integridade das raças superiores. Está bem demonstrado o alcance dos estudos em biologia feitos pelo médico e antropólogo alemão Eugen Fischer (1874-1967) sobre os povos mestiços, resultantes da miscigenação entre europeus e populações africanas, publicados em 1913 no livro intitulado *Die rehoter bastards und bastardieungsproblem beim Menschen* (Os bastardos de Rehobot e o problema da miscigenação dos seres humanos). Tal obra foi baseada em observações feitas *in locu* num pequeno povoado situado ao norte da Namíbia. Alguns anos mais tarde, este mesmo pesquisador ingressaria no Partido Nacional-Socialista, vindo a ser responsável por políticas eugenistas desenvolvidas na Universidade de Berlim, e teria entre seus alunos o médico Joseph Mengele.

Aqui está, em germe, uma antecipação das práticas de segregação e extermínio coletivo que atingiriam proporções inimagináveis três décadas mais tarde, durante o período nazista, e levariam ao aniquilamento em massa dos judeus. Nesse ponto, a colonização do sudoeste da África funcionou como um balão de ensaio em que alemães dariam início a experiências que se consolidariam no regime totalitário posterior. Foi por isso que, logo depois da Segunda Guerra Mundial, no *Discurso sobre o colonialismo*, um dos documentos mais contundentes já escritos contra a opressão colonial, o martiniquense Aimé Césaire (1913-2008) denunciou com rara eloquência a cumplicidade com Hitler não apenas das autoridades europeias, mas da pequena burguesia, do cidadão comum, argumentando que a barbárie do hitlerismo consistiu simplesmente em levar para o seio da Europa aquilo que já se praticava há muito em outros lugares.

\* Professor do Departamento de História e do PPG em História; coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos e coordenador da Rede Multidisciplinar de Estudos Africanos do ILEA/UFRGS